



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

NOTAS SOBRE LINGUAGEM, CONSCIÊNCIA HISTÓRIA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO¹

Tiago Anderson Brutti².

¹ Pesquisa realizada no curso de Doutorado em Educação nas Ciências da Unijuí

² Doutorando em Educação nas Ciências na Unijuí e bolsista da CAPES. tiago.brutti@unijui.edu.br

Resumo

Apresentado ao modo da racionalidade hermenêutica contemporânea, este texto articula os temas da linguagem, da consciência histórica e da interpretação de texto com o intuito de indiciar a complexidade e a singularidade da condição humana; a precariedade e a falibilidade de qualquer iniciativa destinada a descrever a realidade dos eventos que no curso do tempo nos afetam; e o distanciamento característico do texto, seja com relação ao seu próprio autor, seja com relação aos leitores que, interpelados diante do texto, passam a interpretá-lo.

Palavras-chave: condição humana; história; racionalidade hermenêutica

Introdução

As proposições de mundo e argumentos que discutimos neste texto, apresentado ao modo da racionalidade hermenêutica contemporânea, dizem respeito à complexidade e à singularidade da condição humana; à precariedade e à falibilidade de qualquer iniciativa destinada a descrever a realidade dos eventos que no curso do tempo nos afetam; e ao distanciamento característico do texto, seja com relação ao seu próprio autor, seja com relação aos leitores que, interpelados diante do texto, passam a interpretá-lo em suas próprias circunstâncias.

Tomamos por racionalidade hermenêutica contemporânea a compreensão segundo a qual aos humanos somente é dado se pronunciarem no mundo e dele se conscientizarem socialmente por estarem a ele integrados e relacionados inapelavelmente em uma linguagem intersubjetivamente constituída que continuamente vem instituindo sentidos e negociando significados.

Dotados de linguagem e aparentemente indeterminados em suas ações e pensamentos, os humanos vem pensando sua própria condição e comunicando com outros o mundo que de modo similar percebem e discernem em suas nuances. As narrativas sobre o passado vem sendo constantemente recompostas pelos humanos, no enalço de possíveis verdades intersubjetivamente constituídas. Expressam-se tais verdades como gestos de compreensão cujos sentidos indiciam possíveis veredas, mais ou menos razoáveis, ao longo dos acontecimentos que sinalizam suas vivências e experiências caracterizadas pela finitude e pela historicidade.





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

O historiador Tucídides, a propósito da possibilidade de narrar rigorosamente os acontecimentos tal como eles de fato houvessem acontecido, no contexto da guerra do Peloponeso (431-404 a.C.), escreveu que:

[...] foi difícil recordar com precisão rigorosa os que eu mesmo ouvi ou os que me foram transmitidos por várias fontes. Tais discursos, portanto, são reproduzidos com as palavras que, no meu entendimento, os oradores deveriam ter usado, considerando os respectivos assuntos e os sentimentos mais pertinentes à ocasião em que foram pronunciados embora eu tenha aderido tão estritamente quanto possível ao sentido geral do que havia sido dito. Quanto aos fatos da guerra considere-me meu dever relatá-los, não como apurados através de um testemunho casual, nem como me parecia provável, mas somente após investigar cada detalhe com o maior rigor possível, seja no caso de eventos dos quais eu mesmo participei, seja naqueles a respeito dos quais obtive informações de terceiros. O empenho em apurar os fatos se constitui numa tarefa laboriosa, pois os testemunhos oculares de vários eventos nem sempre faziam os mesmos relatos a respeito das mesmas coisas, mas, variavam de acordo com suas simpatias por um lado ou por outro, ou de acordo com suas memórias (1982, p. 28).

O novelista Leão Tolstói, no que se refere ao cenário cultural e político europeu nos quinze primeiros anos do século XIX, escreveu que nessa época milhões de homens se movimentavam pelo território europeu deixando suas ocupações habituais e promovendo em suas andanças, entre outras ações, o saque de bens e o extermínio de indivíduos. Se em alguns momentos glorificavam e exultavam por conta de suas vitórias, em outros se desesperavam com o que lhes acontecia. Tolstói, ao questionar qual teria sido a causa de semelhante fenômeno, explicita uma forte crítica ao reducionismo com o qual se contavam histórias sobre esses acontecimentos:

Os historiadores respondem a esta pergunta expondo-nos os atos e os discursos de uma dezena de homens reunida num edifício da cidade de Paris, e dão a esses atos e discursos o nome de 'revolução'. Depois oferecem-nos a biografia, em todos os seus pormenores, de Napoleão e de várias outras personalidades simpáticas ou hostis para com essa revolução, referindo-nos as influências que exercem uns sobre os outros, para nos dizerem em seguida: eis aqui a causa desse movimento, e ali as suas leis (2009, p. 1008/9).



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

Referindo-se aos humanos oprimidos em sua luta contra o fascismo na primeira metade do século passado, num momento histórico controvertido caracterizado pela admissão de um discurso eugênico que para muitos negou a dignidade de um lugar ou mesmo a continuidade da vida, o filósofo Walter Benjamin escreveu que o espanto com o qual vinha sendo percebido o mundo em sua época não se explicava na origem de um saber, a menos que esse saber fosse o reconhecimento de que a concepção de história donde advinha tal espanto era insustentável. Ora, em sua avaliação não haveria documento de cultura que também não pudesse ser considerado documento de barbárie.

Tais compreensões a respeito do passado humano, enunciadas por pensadores que, diferenças à parte, vinham carregados de suas próprias tradições, mas que nem por isso permaneciam integralmente em conformidade com elas, parecem em comum reconhecer a contingência e os limites de qualquer iniciativa destinada a dizer, explicar e traduzir seja o que for que possa estar sendo ou ter acontecido no mundo humano. Essas indicações de mundo em seus tempos e singularidades assumem de antemão a convicção segundo a qual de fato selecionamos motivadamente os rastros com os quais constituímos nossos próprios enredos narrativos. Com efeito, os humanos há muito tempo apresentam alta performance na atividade de constituir sentidos mais estáveis ou significados comuns a respeito de seu próprio passado no mundo.

Em uma compreensão similar, Hans-Georg Gadamer escreveu que a consciência histórica está ligada à consciência da historicidade de tudo aquilo que consideramos presente e ao reconhecimento da relatividade de qualquer opinião. Segundo o filósofo, a consciência histórica difere na modernidade do modo pelo qual anteriormente o passado se apresentava a um povo ou a uma época. Essa consciência moderna passou a questionar com mais intensidade uma tradição fechada sobre si mesma e a reconhecer a possibilidade de uma múltipla relatividade de pontos de vista (1998, p. 17/8).

“Ter senso histórico”, afirmou Gadamer, implica “superar de modo conseqüente a ingenuidade natural que nos leva a julgar o passado pelas medidas supostamente evidentes de nossa vida atual, adotando a perspectiva de nossas instituições, de nossos valores e verdades adquiridos”. Em outros termos, “a consciência histórica já não escuta beatificamente a voz que lhe chega do passado, mas, ao refletir sobre a mesma, recoloca-a no contexto em que se originou, a fim de ver o significado e o valor relativos que lhe são próprios” (1998, p. 17).

Gadamer propugnou que o conhecimento histórico não deveria pretender simplesmente explicar um fenômeno concreto como caso particular de uma regra geral. Deveria pretender, isso sim, mesmo que utilizando conhecimentos gerais, compreender um fenômeno histórico em sua singularidade, em sua unicidade. Nas palavras do filósofo: “O que interessa ao conhecimento histórico não é saber como os homens, os povos, os Estados, se desenvolvem em geral, mas, ao contrário, como este homem, este povo, este Estado, veio a ser o que é, como todas essas coisas puderam acontecer e encontrar-se aí” (1998, p. 23/4).

É a linguagem que nos permite compreender. À radicalidade desse reconhecimento proclamado atualmente em uníssono pela filosofia da linguagem, Gadamer propugnou, no



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

entanto, que a linguagem não seja considerada como análoga a um instrumento ou a uma ferramenta. Com essa compreensão, o filósofo afirmou que a linguagem “não é somente um dentre os muitos dotes atribuídos ao homem que está no mundo, mas serve de base absoluta para que os homens tenham mundo”, ou seja, “nela se representa mundo” (2008, p. 571/2).

O ser da linguagem, para o filósofo, também é caracterizado pela ausência de um eu. Nesse sentido, não haveria de se confirmar a hipótese de que alguém pudesse ter falado uma língua que ninguém mais compreendesse, pois falar significa, antes de tudo, falar a alguém. Não pertence, pois, à esfera do eu, mas à esfera do nós:

Para o homem, o mundo está aí como mundo numa forma como não está para qualquer outro ser vivo que esteja no mundo. Mas esse estar-aí do mundo é constituído pela linguagem [...] Não só o mundo é mundo quando vem à linguagem, como a própria linguagem só tem sua verdadeira existência no fato de que nela se representa o mundo. A originária humanidade da linguagem significa, portanto, ao mesmo tempo, o originário caráter de linguagem do estar-no-mundo do homem (p. 571/2).

O filósofo Aloísio Ruedell escreveu que importantes discussões filosóficas visam, atualmente, superar um pensamento ontológico ao reconhecer que não existe um pronto mundo objetivo simplesmente disponível que estivesse no aguardo de uma possível inteligência investigativa que o viesse detectar. Ruedell comentou, a propósito das considerações hermenêuticas de Paul Ricoeur, que se a filosofia é um constante exercício de transcender o imediatamente dado, o texto é, por sua vez, uma mediação para o possível. Por essa razão, leitura e elaboração dinamizariam a mente humana conduzindo-a da imediatidade fática ao mundo das possibilidades que a sustenta e compreende (2003, p. 239).

A compreensão humana, escreveu Ricoeur, estaria ligada aos sinais de humanidade depositados nas obras de cultura. O filósofo questionou, mais para reforçar seu argumento, o que se saberia do amor, do ódio e dos sentimentos éticos se não fossem referidos à linguagem e articulados pela literatura. Justamente o que parecia mais contrário à subjetividade, a textura do texto, agora aparece como o próprio *medium*, indispensável, em que o sujeito humano compreende a si mesmo (1990, p. 58).

O texto passaria a ser, nos marcos dessa compreensão, mais que um caso particular de comunicação inter-humana, mas o próprio paradigma do distanciamento na comunicação (p. 44). Ou seja, o distanciamento no texto não constituiria simplesmente um problema para a interpretação, mas justamente uma condição da interpretação. Nas palavras de Ricoeur: “a interpretação é a réplica desse distanciamento fundamental constituído pela objetivação do homem em suas obras de discurso, comparáveis à sua objetivação nos produtos de seu trabalho e de sua arte” (p. 52).

A escrita, na compreensão do filósofo, tornaria o texto autônomo em relação à intenção do autor, ou seja, o que o texto significa não coincide mais com aquilo que o autor



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

quis dizer. Com isso, significação verbal e significação mental teriam, a partir da escrita, destinos diferentes. O texto deveria, segundo Ricoeur, poder “descontextualizar-se de maneira a deixar-se recontextualizar numa nova situação” (p. 53), justamente o que acontece no ato de ler.

O texto, na compreensão de Ricoeur, é a mediação pela qual nos compreendemos a nós mesmos (p. 57). Compreender é compreender-se diante do texto. Não se trata de impor ao texto sua própria capacidade finita de compreender, mas de expor-se ao texto e receber dele um si mais amplo, que seria a proposição de existência respondendo, da maneira mais apropriada possível, à proposição de mundo (p. 58).

Referências:

BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. Teses traduzidas por Paulo Rudi Schneider e M. Luiza de Carvalho Armando.

GADAMER, Hans-Georg. *O problema da consciência histórica*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.

_____. *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, 2008.

RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.

RUEDELL, Aloísio. *O mundo do texto e o mundo possível: o ensino da Filosofia e as possibilidades do texto*. Filosofia e Ensino: possibilidades e desafios. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

TOLSTOI, Leão. *Guerra e paz*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

TUCÍDIDES. *História da guerra do Peloponeso*. Brasília: Ed. UnB, 1998.

